

**O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS:  
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NO ESPORTE**Geórgia Fernandes Balardin<sup>1</sup>, Rogério da Cunha Voser<sup>1</sup>  
Miguel Angelo dos Santos Duarte Junior<sup>1</sup>, Janice Zarpellon Mazo<sup>1</sup>**RESUMO**

Quando falamos de futebol feminino, pouco se sabe sobre o Brasil e a estrutura oferecida pelo país, o que é intrigante, pois este é o país do futebol. Essa pesquisa tem como objetivo descrever as diferenças e semelhanças entre o futebol feminino praticado em clubes do Brasil e dos Estados Unidos. Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa. Participaram do estudo sete atletas brasileiras de futebol, que tenham atuado ou atuam em clubes dos Estados Unidos e do Brasil. Como instrumento de coleta de informações utilizou-se uma entrevista semiestruturada. Para captação de dados foram realizadas entrevistas com roteiro pré-estabelecidos, utilizando o Formulário Google. A partir das informações coletadas foi feita uma análise qualitativa dos dados. Os resultados mostraram que o futebol feminino no Brasil necessita de um maior investimento sociocultural e financeiro que permita uma equiparação e valorização semelhante aos clubes dos Estados Unidos. Essa diferença observada durante a pesquisa acontece em todas as categorias avaliadas, tanto do ponto de vista da participação da família no desenvolvimento das categorias iniciais, quanto no profissional. Nos Estados Unidos os clubes profissionais femininos utilizam um departamento de marketing como forma de captar recursos financeiros, favorecendo a estrutura física propiciando a qualidade do treinamento técnico e tático das atletas, refletindo no desempenho das equipes em campeonatos nacionais e internacionais. No entanto, apesar das diferenças entre os países, o futebol feminino é considerado o esporte de escolha pela maioria das mulheres aqui no Brasil.

**Palavras-chave:** Esporte. Mulheres. Clubes.

1-Escola de Educação Física, Fisioterapia, Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre-RS, Brasil.

**ABSTRACT**

The female football in Brazil and United States of America: differences and similarities in the sport

This research aims to describe the differences and similarities between women's football played in Brazilian and United States' teams. A semi-structured interview was performed with Brazilian athletes who play or have played in Brazil and in the United States to evaluate the athletes' perceptions regarding different aspects, namely: facilities; health resources; athletic apparel; tactical and technical training; written and digital media; and the youth teams. From the information obtained through interviews a qualitative analysis of the data by topic was made. Seven athletes agreed to participate of the study. The results showed that women's soccer in Brazil needs a greater socio-cultural and financial investment that allows a similar assimilation and appreciation to the clubs of the United States. This difference observed during the research occurs in all categories evaluated, both from the point of view of the participation of the family in the development of the initial categories, as well as in the professional. In the United States, professional women's clubs use a marketing department as a means of attracting financial resources, favoring the physical structure, promoting the quality of the technical and tactical training of the athletes, reflecting the performance of the teams in national and international championships. However, despite the differences between countries, women's football is considered the sport of choice by most women here in Brazil.

**Key words:** Sports. Women's. Clubs.

E-mails dos autores:

georgiabalardin@gmail.com

rogerio.voser@ufrgs.br

miguel.nutricao@hotmail.com

janice.mazo@ufrgs.br

## INTRODUÇÃO

O Brasil é reconhecido notadamente como o país do futebol, contudo esta afirmação é delimitada ao futebol masculino. Já quando falamos de futebol feminino, pouco se sabe sobre o Brasil e a estrutura oferecida pelo país, o que é intrigante. Um exemplo que evidencia esta afirmação pode ser observada no Museu do Futebol, onde apenas mais recentemente começou a dar visibilidade, também ao futebol feminino no Brasil.

O futebol feminino chegou ao Brasil em 1921, ano que marca a realização do primeiro jogo entre as moças dos bairros Cantareira e Tremembé, na zona norte de São Paulo. Na década de 80 começa a sua institucionalização e somente em 1988 foi organizada a primeira seleção brasileira de futebol feminino pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (Franzini, 2005; Morel, Sales e Dacosta, 2006).

Apesar de uma convocação apressada e com as dificuldades de treinamento enfrentadas pelas atletas na época, a seleção feminina venceu o Women's Cup of Spain, um campeonato mundial realizado na Espanha, que contou com a participação de diversos países. A seleção de futebol feminino conquistou o primeiro título internacional para o Brasil, derrotando seleções de Portugal, França e Espanha (Darido, 2002).

O evento mostrou que, em alguns países, o futebol feminino estava em desenvolvimento, como também, no caso brasileiro concedeu mais visibilidade ao futebol de alto rendimento praticado pelas mulheres.

No começo da década de 1990, a Fédération Internationale de Football Association (FIFA) passou a organizar os eventos da modalidade, realizando a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, na China, em 1991 (Sardinha, 2011).

Em seguida, o futebol feminino foi incluído nos Jogos Olímpicos de 1996, sediados em Atlanta, nos Estados Unidos (Pisani, 2015; Borges, 2012).

E, desde então, a seleção brasileira de futebol feminino tem participado com destaque, posicionando-se entre as grandes seleções mundiais.

Ainda que no Brasil, o esporte não receba tanta atenção quanto os clubes masculinos, o Campeonato Brasileiro já está na sua quarta edição, com um público

pequeno que está se consolidando. Há um investimento e uma estrutura para que as mulheres joguem futebol no país, porém existe a noção de que o apoio poderia ser maior a respeito de transmissões, distribuição de verbas e a criação de elencos femininos por parte dos grandes clubes brasileiros que em sua maioria não possuem equipes femininas (Portes, 2016).

De acordo com as estatísticas, são mais de 29 milhões de mulheres jogando futebol ao redor do mundo, dados estes que dobraram nos últimos 10 anos. Os países europeus e Estados Unidos tratam o futebol feminino de forma profissional e organizada, conseqüentemente, com um número de praticantes e torcedores elevado. O que, se traduzido em números, representa um retorno financeiro maior aos clubes e as instituições que atendem ao futebol (Radnedge, 2009).

No caso do Brasil, o futebol feminino ainda é praticado basicamente de forma amadora, uma vez que a maioria das atletas desenvolvem outras atividades profissionais. O investimento com o futebol feminino é pequeno e com pouca visibilidade tanto de público como da mídia em geral (Sardinha, 2011).

Para Moura (2007), apesar do futebol feminino no Brasil viver de altos e baixos, principalmente o chamando "futebol profissional", que ainda carece de campeonatos e torneios e sofre com equipes que se formam e rapidamente se extinguem por falta de apoio, pode-se dizer que o mesmo já conquistou muito as mulheres.

Diante do exposto, o objetivo geral da pesquisa é descrever as diferenças e semelhanças do futebol feminino praticado em clubes do Brasil e dos Estados Unidos.

Essa investigação teve como objetivo específico considerar as diferenças e semelhanças relacionadas com a estrutura física: como campo, academia e alojamento; a alimentação e recursos de saúde; as vestimentas uniformizadas; o treinamento tático e técnico; a mídia escrita e digital; as categorias de base, e a participação em campeonatos e viagens (transporte e hospedagem) de atletas brasileiras que atuaram ou atuam no Brasil e nos Estados Unidos.

Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura sobre o assunto, além de produzir fontes orais de pesquisa, por meio de

entrevistas com atletas brasileiras que jogam futebol nos Estados Unidos.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, foi utilizado como instrumento de coleta de informações uma entrevista semiestruturada.

Para captação de dados foram realizadas entrevistas com roteiro pré-estabelecidos, utilizando o Formulário Google com sete atletas brasileiras de futebol, que tenham atuado ou atuam em clubes dos Estados Unidos e do Brasil.

A partir do mapeamento das respostas obtidas, foi realizada a análise qualitativa e a discussão das informações. As entrevistas ocorreram entre agosto e setembro do ano de 2016. A escolha da amostra deu-se de forma intencional. Os critérios de inclusão consideraram atletas de futebol feminino que atuam em clubes dos Estados Unidos e do Brasil. Com relação aos procedimentos éticos, antecedendo a realização das entrevistas, foi

informado o objetivo da pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O fato de responder a entrevista semiestruturada foi considerado como aceite de consentimento. Os nomes das atletas não foram identificados no estudo.

### RESULTADOS

Par fins de organização e apresentação dos resultados optou-se por estruturar percorrendo pelas dimensões que seguem: Características do grupo avaliado; investimento; estrutura e recursos físicos; metodologia, categorias de base e iniciação, aspectos de saúde.

Em relação aos sujeitos do estudo, cabe destacar que as sete atletas já atuaram em clubes de futebol no Brasil e, atualmente, estão morando nos Estados Unidos, jogando futebol de forma profissional.

O Quadro 1 apresenta as características do grupo avaliado, considerando as respostas de cada uma das atletas.

**Quadro 1 - Características das participantes do estudo.**

Participante	Faixa Etária	Idade que iniciou no futebol (anos)	Clubes que atuou no Brasil	Clubes que atuou nos Estados Unidos	Atividade profissional relacionada com futebol	Atividade profissional simultânea com futebol
1	21	5	Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (Porto Alegre - RS), Canoas (Canoas - RS), Esporte Clube São José (Porto Alegre - RS)	Union College (Kentucky)	Não	Sim
2	25	5	Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (Porto Alegre - RS), Sport Club Internacional (Porto Alegre - RS), Esporte Clube Juventude (Caxias do Sul - RS), Associação Carlos Barbosa de Futsal (Carlos Barbosa), Ulbra (Canoas - RS)	Tetra Brasil Coach (Kansas)	Não	Sim
3	18	7	Grêmio Foot-ball Porto Alegrense (Porto Alegre - RS)	Redhawk (Tennessee)	Sim	Não
4	25	14	Sport Club Internacional (Porto Alegre - RS), Esporte Clube Juventude (Caxias do Sul - RS)	Lousiana Shreveport University (Shreveport), Northwood (Ohio), Ohio University (Ohio)	Sim	Sim
5	22	11	São José dos Campos Futebol Clube (São José dos Campos - SP)	Monroe College (New York), Creighton University (Omaha)	Não	Não
6	48	13	Saad Esporte Clube São Caetano do Sul - SP), Sport Club Corinthians Paulista (São Paulo - SP), Sociedade Esportiva Palmeiras (São Paulo - SP), Sao Paulo Futebol Clube (São Paulo - SP)	California Storm (Sacramento)	Sim	Sim
7	24	6	Sport Club Internacional (Porto Alegre - RS), Porto Alegre Futebol Clube (Porto Alegre - RS), Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Chimarrão (Estância Velha -RS), Esporte Clube São José (Porto Alegre - RS)	Tiffin University (Tiffin)	Não	Sim

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

Com relação a dimensão investimento, isto é, ajuda financeira em viagens, transporte, hospedagem para campeonatos e vestimenta uniformizada para treinos e jogos, foram observadas diferenças em todas as respostas das entrevistadas.

No Brasil, a Sport Promotion, detém o direito de transmissão de alguns campeonatos e trabalha em parceria com as maiores emissoras de televisão, apoiada com diferentes patrocinadores, cria eventos ou apoia o futebol feminino, repassando os valores para os clubes através da Caixa Econômica Federal. Não foi mencionado por nenhuma atleta o conhecimento de que nos clubes houvesse um departamento de marketing para captação de recursos. Quando foi considerada a hospedagem, os clubes procuram hotéis de baixo custo ou mesmo alojamentos em escolas ou ginásios esportivos. As viagens, na sua maioria, são de ônibus envolvendo algumas vezes, muitas horas de deslocamento para economizar em relação ao custo das passagens aéreas.

O investimento no futebol feminino nos Estados Unidos está muito associado com a

cultura, uma vez que os pais investem muito inicialmente, se mobilizando para arrecadação de fundos para manter os programas esportivos até a idade de 18 e 19 anos.

No que se refere a dimensão estrutura e recursos físicos, no Brasil, as atletas enfrentam dificuldades, pois os campos são irregulares e os treinos acontecem em parques públicos, porque as prioridades dos campos de clubes são dos atletas do futebol masculino. As academias são pequenas ou com aparelhos ultrapassados ou mesmo inexistentes. Destaca-se que nos Estados Unidos, os campos podem ser de grama sintética ou natural, e existe a disponibilidade de academias modernas dentro ou fora dos clubes.

Outro dado considerado importante foi à coleta de dados sobre os recursos a disponibilizados para as atletas no Brasil e nos Estados Unidos, com relação a várias demandas da vida de jogadora de futebol.

No quadro 2, seguem as informações obtidas com as atletas.

**Quadro 2 - Recursos disponíveis para as atletas.**

País		Brasil	Estados Unidos
Campo	Grama	qualidade duvidosa	presente
	Sintético	qualidade duvidosa	presente
Alojamento / apartamentos		ausente	presente
Academias		ausente	presente
Saúde / Orientação nutricional / Psicológica		ausente	presente
Fisioterapeuta		ausente	presente
Vestimenta/uniforme		qualidade duvidosa	presente
Viagens/transporte/hospedagem		qualidade duvidosa	presente
Ajuda financeira		ausente	presente

Em relação à dimensão metodologia, no Brasil, o treinamento está focado na técnica de habilidades individuais, com jogadoras criativas e de visão de jogo.

Verifica-se que o treinamento técnico e tático nos Estados Unidos a ênfase é no treinamento físico e na organização tática dentro de campo, as jogadoras são muito disciplinadas taticamente. O treinamento técnico é sempre visando muitos toques na bola, ocupando a maior dimensão do campo.

Sobre a dimensão categorias de base e iniciação, foi possível identificar que o incentivo ao futebol feminino em categorias de

base apresenta diferenças quando comparamos os dois países. As brasileiras dependem de escolinhas particulares de futebol para a iniciação no esporte, porém não existem competições infanto-juvenis.

No Rio Grande do Sul, existe apenas um campeonato de categoria sub-20 de futebol feminino, e nas demais categorias apenas campeonatos interescolares ou torneios de futsal. Já as americanas possuem competições nas diferentes idades desde a base até a idade adulta, o que favoreceu o país a se tornar uma grande potência nesta modalidade esportiva. O desenvolvimento nos

Estados Unidos torna o esporte favorito das mulheres, por estar incluído desde a fase escolar e em universidades através de bolsas para atletas, e ligas de alto nível para disputas de campeonatos.

No Brasil, o futebol feminino luta contra o preconceito e a desigualdade de gênero, paralelamente com a falta de estrutura física e obviamente a financeira (Teixeira e Caminha, 2013).

Com relação a dimensão saúde das atletas e orientação psicológica e alimentar, considerando as diferentes respostas das entrevistadas, revelou que nas equipes profissionais do Brasil, evidenciaram-se as dificuldades encontradas pelas atletas, pois os clubes não conseguem manter o futebol feminino profissional.

Sendo assim, as atletas quando se lesionam não tem auxílio médico do clube e caso não tenham plano de saúde ficam dependentes do Sistema Único de Saúde (SUS).

Em relação as americanas as jogadoras possuem assistência médica, fisioterápica, psicológica e nutricional.

No entanto, nos clubes de desenvolvimento, para que a criança possa jogar competitivamente os pais devem providenciar o exame médico e a cópia do plano de saúde.

## DISCUSSÃO

Esse estudo foi elaborado a partir de um questionário semiestruturado enviado eletronicamente que contou com a participação de sete atletas brasileiras que consentiram em responder a entrevista.

As atletas participantes do estudo já atuaram em clubes de futebol no Brasil e, atualmente, estão morando nos Estados Unidos, jogando futebol de forma profissional. Estas atletas, com idade superior a 18 anos, buscaram melhor qualidade de trabalho e a possibilidade de estudar em universidades americanas.

Visto pelas características da amostra na qual 42,9% das atletas apresentaram ensino superior incompleto e na sua maioria estudam em universidades americanas.

Conforme estudo de Soares e colaboradores (2011), que teve como objetivo refletir sobre a relação entre a profissionalização no futebol e a

escolarização, observou-se que o Brasil exportou para o exterior nos últimos seis anos 6.648 jogadores.

Deste contingente emigraram para Europa 3.593, isto é, 54,0% do total. Argumentando que estamos diante de uma agência que recruta jovens do sexo masculino, em geral das camadas populares, para atuarem no mercado interno ou externo do futebol.

Isto configura em um tipo de negócio que dá base à criação de uma indústria de formação profissional, que pode estar em competição com a escolarização básica dos jovens aspirantes a atletas profissionais. Esta crescente demanda de transferências de jogadores brasileiros para o exterior é produto de fatores como: o limite de empregabilidade do mercado interno; os interesses competitivos e financeiros dos clubes estrangeiros com maior capital financeiro; a relação custo/benefício na importação desses serviços especializados.

Considera-se que o mesmo caminho possa estar sendo trilhado pelas atletas do futebol feminino que buscam a possibilidade de empregabilidade no exterior além de profissionalização associada à escolaridade.

Melo (2010) também verificou que a carga horária que os atletas em formação dedicam ao futebol em pouco difere do tempo dedicado para frequentar a escola. O autor afirma ainda que o tempo de treinamento nas categorias de base é semelhante ao das equipes profissionais, portanto, em termos práticos a carga horária de dedicação de adultos e aspirantes a atletas é a mesma.

Outro fator importante na formação de atletas é o processo migratório, já que grande parte dos jovens que ingressam na carreira do futebol é oriunda de cidades e/ou estados diferentes do clube formador. Isto significa que passam a residir separados de suas famílias e, se forem sendo aproveitados nas categorias subsequentes, podem viver nessa condição até a profissionalização.

Melo (2010) aponta que os atletas emigrantes, que vivem em regime de albergamento nos clubes do Rio de Janeiro, possuem maior número de reprovações e atraso escolar do que os atletas que residem com suas famílias.

O mesmo não foi evidenciado nas atletas que compõe esta amostra, que justamente buscam a escolaridade quando

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

---

migram para o exterior. Provavelmente, porque os clubes ainda apresentam pouco investimento no futebol feminino no Brasil, sendo a carga horária de treinamento menor quando comparada as categorias de base masculinas, o que acaba por favorecer a escolaridade. Para as atletas femininas o afastamento da família ocorre no momento em que o ensino básico já foi concluído.

Todavia, o discurso oficial dos clubes indica que os atletas são obrigados a estudar, mas a maioria dos clubes formadores não supervisiona ou acompanha a vida escolar dos mesmos (Melo, 2010).

No futebol feminino, a maioria dos clubes ou escolinhas particulares de futebol, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, acompanham o aproveitamento escolar das atletas. Um mau aproveitamento pode acarretar o desligamento e perda da bolsa de incentivo atleta.

As equipes profissionais americanas têm uma estrutura muito organizada e eficiente. Os clubes, de uma maneira geral, possuem um departamento de marketing o qual tem uma importância significativa na captação de recursos, sendo responsável desde a busca de patrocínio até pela venda de ingressos para os jogos e a venda de materiais esportivos. Ainda, a Federação de Futebol dos Estados Unidos, a US Soccer, é responsável pelo salário das atletas que fazem parte da seleção, somado a isto a National Women's Soccer League também repassa uma verba para cada clube. Com relação às viagens, transporte e hospedagem para campeonatos cada clube americano segue uma norma considerando o tipo de competição. Com relação aos deslocamentos, de uma maneira geral, são realizados de avião.

No entanto, no Brasil apesar destes significativos avanços ainda é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento.

Para além destas situações a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das

atletas, árbitras ou treinadoras, mas a sua imagem e seu comportamento (Goellner, 2005).

Os resultados mostraram que os recursos disponibilizados em atenção à saúde das atletas e orientação psicológica e alimentar, considerando as respostas das diferentes atletas, nas equipes profissionais americanas as jogadoras têm toda a assistência médica, fisioterápica, psicológica e nutricional.

Cenário similar ao encontrado por Kessler (2015) que verificou que em uma das equipes universitárias de futebol dos Estados Unidos a comissão técnica era composta pelos seguintes profissionais: preparadora de goleiras, preparadora física, técnico, instrutor de academia, orientador acadêmico, fisioterapeuta e roupeiro.

Já no Brasil, ficaram claras as dificuldades encontradas pelas atletas, principalmente em casos de lesão, pois não têm auxílio médico do clube e caso não possuam plano de saúde ficam dependentes do Sistema Único de Saúde (SUS).

No entanto, quando observamos a Constituição da República Federativa do Brasil, vemos que o conceito de direito constitucional do trabalho, assegurou a todos os trabalhadores o direito à redução dos riscos inerentes ao trabalho, mediante normas de saúde, higiene e segurança, nos termos do inciso XXII de seu artigo 7º, logo, o atleta profissional de futebol também deve valer-se deste direito previsto em legislação (Brasil, 1988).

Cada vez mais o preparo físico é requisito essencial na formação do atleta, pois o nível de competitividade está em constante crescimento, o que demanda maior esforço do jogador, sendo que para se chegar a este nível de preparo e depois mantê-lo existe um desgaste físico e biológico proporcional.

A ocorrência de lesões é uma constante na vida do atleta, principalmente o de alto rendimento, incluído dentre as profissões de desgaste rápido, agravado pela competitividade, o que gera incapacidades por contusões, lesões e acidentes de trabalho de atletas profissionais.

Assim, no Brasil os dispositivos legais apontam para que o clube empregador também seja responsável pelas despesas médicas e dos medicamentos necessários ao restabelecimento do atleta (Veiga, 2014).

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

---

Cabe ressaltar que apesar dos dispositivos legais estas leis não são seguidas nem tão pouco fiscalizadas no futebol feminino pela maioria dos clubes.

Quanto ao treinamento técnico e tático, segundo as atletas entrevistadas, nos Estados Unidos a ênfase é no treinamento físico e na organização tática dentro de campo, as jogadoras são muito disciplinadas taticamente. Enquanto no Brasil, o treinamento está focado na técnica de habilidades individuais.

Em termos de futebol feminino, a atleta brasileira tem vantagem em relação à americana na possibilidade de crescer em um ambiente de futebol mais criativo, mas tem também a grande desvantagem de ter menos estrutura e organização para o desenvolvimento da própria carreira.

Com a limitação durante o seu processo de desenvolvimento de estarem expostos somente a técnicos de sua nacionalidade que ensinam no “estilo brasileiro”, já que não existem muitos treinadores estrangeiros no Brasil.

Enquanto nos Estados Unidos, os critérios de avaliação incluem não somente as capacidades físicas, técnicas e táticas, mas fatores comportamentais como: dedicação durante o treinamento e capacidade de adaptação e trabalho de grupo.

Com relação a metodologia de treinamento, existem diferentes tipos de progressões. Por exemplo, a progressão para aprimoramento técnico, passando para a fase onde começa a se colocar pressão do adversário, mas com regras para permitir a execução do movimento e chegando à fase onde a atividade não pode ter restrições para se pressionar a bola e finalmente onde o jogador terá que executar os movimentos na mesma função que executa durante as partidas.

Uma grande diferença “cultural” é que o treinador americano não assume que o atleta saiba executar com perfeição as ações requeridas pelo jogo. É importante salientar que nos Estados Unidos para a escolha das atletas é levado em consideração o desempenho nos jogos de seus clubes, fazendo com que as atletas se acostumem a ter que adaptar-se rapidamente a diferentes estilos de jogo e a ter que manter o nível de desempenho durante todos os treinos e partidas em todo o processo de seleção. Esse

ambiente desenvolve nos jogadores, desde cedo, uma cultura que valoriza o trabalho, a dedicação e a entrega total à equipe.

No Brasil, os jogadores de futebol não são expostos a treinadores com uma maior variedade de exigências e um processo de treinamento e seleção competitivo.

Poderíamos ter seleções com a mesma qualidade técnica que possuímos atualmente, porém mais organizadas defensivamente, com uma melhor velocidade de jogo e capazes de operações táticas mais eficazes durante as partidas (Antonelli, 2012).

Assim, considerando as entrevistas semiestruturadas das atletas podemos observar que estas estão de acordo com a literatura sobre o futebol feminino, que confirma as dificuldades ainda encontradas no Brasil.

Muito precisamos crescer, pois ainda estamos limitados a um treinamento inicial em um ambiente criativo e recheado de futebol, que nos permite desenvolver uma coordenação motora fina, enquanto nos Estados Unidos a maioria das atletas ficam expostas a um treinamento formal com um investimento maior favorecendo o resultado final.

Nos Estados Unidos, onde o futebol feminino está estruturado, os salários variam de 6 mil dólares anuais, valor considerado abaixo da linha de pobreza, até pouco mais de 30 mil dólares anuais. Isto representa uma diferença significativa quando comparamos a mesma modalidade esportiva, no qual um atleta da Major League Soccer ganha no mínimo um salário anual de 60 mil dólares, segundo um levantamento da Forbes de julho de 2015 in (Heim, 2016).

No trabalho de Kessler (2015) com jogadoras de futebol que atuam no Brasil e Estados Unidos, 48% das atletas afirmaram não receber nenhum auxílio financeiro, além de arcarem com todas as despesas para jogar, apenas 4,8% recebiam remuneração por jogo e 2,4% mensal.

Pode-se ressaltar ainda que no Brasil uma importante fonte de renda para as jogadoras de futebol é a “Bolsa Atleta”, política pública do Governo Federal que assiste financeiramente atletas com destaque, vencedoras de competições nacionais, o que restringe o número de atletas contempladas com tal auxílio.

# Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

Portanto, se forem considerados os campeonatos nacionais e algumas políticas públicas não há nenhum outro mecanismo jurídico que auxilie e incentive os clubes de futebol a criar ou fortalecer uma equipe de futebol feminino. Destaca-se também que há um projeto de lei de incentivo fiscal para apoio a equipes de futebol feminino que é discutida há tempos, porém ainda não está em prática.

## CONCLUSÃO

Considerando as entrevistas semiestruturadas realizadas e a literatura pesquisada pode-se concluir que o futebol feminino no Brasil necessita de um maior investimento sociocultural e financeiro que permita uma equiparação e valorização semelhante aos clubes dos Estados Unidos.

Essa diferença observada durante a pesquisa acontece em todas as categorias avaliadas, tanto do ponto de vista da participação da família no desenvolvimento das categorias iniciais, quanto no profissional.

Nos Estados Unidos os clubes profissionais femininos utilizam um departamento de marketing como forma de captar recursos financeiros, favorecendo a estrutura física propiciando a qualidade do treinamento técnico e tático das atletas, refletindo no desempenho das equipes em campeonatos nacionais e internacionais.

No entanto, apesar das diferenças entre os países, o futebol feminino é considerado o esporte de escolha pela maioria das mulheres aqui no Brasil.

Dada a importância deste tema se indica que outras pesquisas possam ser realizadas de modo a sustentar as novas políticas e propostas para o futebol feminino do Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Pesquisa apoiada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizada pelo Núcleo de estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física em parceria do Grupo de Estudos em Esporte ambos da ESEFID/UFRGS.

## REFERÊNCIAS

1-Antonelli, M A. Brasil vs EUA: aprendendo e ensinando de formas diferentes. Universidade

do Futebol. Artigo online, 2012. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/brasil-vs-eua-aprendendo-e-ensinando-de-formas-diferentes/>>. Acessado em 06/03/2017.

2-Borges, C. Futebol feminino nas Olimpíadas. 2012. Disponível em: <<http://www.clerioborges.com.br/ffeminino>>.ht ml 2012. Acessado em 15/12/2016.

3-Brasil. Constituição da república federativa do Brasil. Art. 7, inc. XXII 1988.

4-Darido, S. C. Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica. Motriz. Vol. 8. Num. 2. p.43-49. 2002.

5-Franzini, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. Vol. 25. Num. 50. 2005.

6-Goellner, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades Rev. bras. Educ. Fís. Esp. Vol. 19. Num. 2. p. 143-151. 2005.

7-Heim, J. A diferença financeira entre gêneros no esporte; Artigo publicado online em 24 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://nerdesporte.blogspot.com.br/2016/08/a-diferenca-financiera-entre-generos-no.html>> Visto em 04/11/2016.

8-Kessler, C. S. Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

9-Melo, L. B. S. Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro. Dissertação Mestrado em Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. 2010.

10-Morel, M.; Salles, J.G.; Dacosta, L. Atlas do esporte no Brasil. Rio De Janeiro: CONFEF. 2006.

11-Moura, E. L. O futebol feminino no Brasil. 2007. Disponível em: <[http://www.mesquitaonline.com.br/artigos\\_mostrar.php?cod=56;](http://www.mesquitaonline.com.br/artigos_mostrar.php?cod=56;)>2007. Acesso em 14/11/2016.



## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

---

12-Pisani, M. Mulheres em Campo – EBC. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/brasileiraofeminino>>. Acessado em 30/11/2016.

13-Portes, F. Ligas Femininas de futebol se reformulam para fortalecer a modalidade. Artigo publicado online em 16 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/noticias/ligas-femininas-de-futebol-se-reformulam-para-155953372.html>>. Acessado 04/11/2016.

14-Radnedge, K. Recordes do futebol mundial. São Paulo. Martin Corteel. p. 256. 2009.

15-Sardinha, E. M. A estrutura do futebol feminino no Brasil. Revista Hórus. Vol. 5. Num. 1. 2011.

16-Soares, A. J. G.; Melo, L.B.S.; Costa, F R; Bartholo, T.L.; Bento, J O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. Rev. Bras. Ciênc. Esporte. Vol. 33. Num. 4. p. 905-921. 2011.

17-Teixeira, F. L. S.; Caminha, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática Revista Movimento. Vol. 19. Num. 1. p. 265-287. 2013.

18-Veiga, M. F. C. Responsabilidade civil dos clubes de futebol em casos de acidente de trabalho. Revista Justiça e Cidadania, ed. nº 163. 2014. Disponível em: <<http://www.editorajc.com.br/2014/04/responsabilidade-civil-clubes-futebol-emcasosde-acidente>>. Acessado em 06/11/2016.

Endereço para correspondência  
Rogério da Cunha Voser  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.  
Rua Felizardo, 750. Bairro Jardim Botânico.  
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.  
CEP: 90690-200.

Recebido para publicação em 23/05/2017  
Aceito em 21/08/2017